

Canudos nas Obras de Tripoli Gaudenzi

Udinéia Braga¹

Resumo

Canudos apresenta uma complexidade tamanha, com variantes sociais e históricas que apontam questões ainda não estudadas, em pormenores, e que não serão esgotadas, pois ainda hoje existe uma produção nacional e internacional que trata desta temática nas mais variadas formas de expressão, seja na produção de romances e relatos, teses, biografias, temas musicais, abordagens literárias, cinema, vídeo, teatro, artes plásticas, na literatura de cordel, na voz de poetas e cantores e expressões artísticas como a aqui apresentada. Nesta perspectiva, um artista plástico chamado Tripoli Gaudenzi, rompe com os muros da academia e se lança em um projeto onde registra em suas telas a história de Canudos tendo como base a obra *Os Sertões de Euclides da Cunha*, leva para além dos limites da História do Brasil a trajetória daquele povo sertanejo.

Palavras-chave: Canudos. Arte. História. Sertão.

CANUDOS IN TRIPOLI GAUDENZI'S WORK

Abstract

Straws presents such complexity, with variants that link social and historical issues have not studied in detail, and that will not be exhausted because today there is a national and international production that deals with this theme in various forms of expression, whether in production novels and reports, theses, biographies, music themes, literary approaches, film, video, theater, visual arts, in literature, work in the voice of poets and singers and artistic expressions as presented here. In this perspective, an artist called Tripoli Gaudenzi, breaks the walls of academia and launches into a project where records on their screens the story of Canudos based on the work of *The Barrens Euclides da Cunha*, leads beyond the limits of history Brazil's trajectory that people countryman.

Keywords: Straws. Art. History. Wilderness.

¹ Licenciada em História pela UFBA, especialista em Metodologia do Ensino Afro-Brasileira, Gestora e Professora de História da Rede Pública Estadual em Salvador, Bahia.

A História
desperta a
pesquisado
áreas, dado
dade daqu
se estabel
no final d
constitui n
blicações
não se esg
volvem aq
conseguiu
republican
centrando
vinte e sei
conselheri
abordagen
a ampliaçã
peia da gu

Antô
nou pelo s
cemitérios
e o caminl
nou em u

2 Boa parte da
a detalhar o cc
ocasião notici
é possível olha
aspectos até et
entender o qu
Belo Monte.

nzi

a Braga¹

stóricas que
otadas, pois
ica nas mais
s, biografias,
na literatura
apresentada.
os muros da
nudos tendo
da Historia

issues have
ational and
on, whether
approaches,
singers and
li Gaudenzi,
screens the
beyond the

stora e Pro-

A História de Canudos ainda hoje desperta a atenção de historiadores, pesquisadores e cientistas de diversas áreas, dado a dimensão e a complexidade daquele arraial messiânico, que se estabeleceu no semiárido baiano no final do século XIX. Canudos se constitui motivo de pesquisas e de publicações acadêmicas, por que ainda não se esgotaram os assuntos que envolvem aquela epopeia humana, que conseguiu colocar-se à margem da lei republicana recém-implantada, concentrando em seus limites cerca de vinte e seis mil pessoas chamadas de conselheristas, como também as novas abordagens historiográficas permitem a ampliação do tema para além da epopeia da guerra.²

Antônio Conselheiro peregrinou pelo sertão, construindo igrejas e cemitérios, ensinou a palavra de Deus e o caminho para o céu, e se transformou em uma esperança para “o ser-

² Boa parte da bibliografia sobre Canudos se detém a detalhar o combate e a guerra que se tornou na ocasião notícia em todo o país e no mundo. Hoje é possível olhar para Canudos e observar outros aspectos até então não abordados para melhor se entender o que acontecia dentro dos limites do Belo Monte.

tanejo” pobre, ignorado, oprimido e marginalizado. Começou a ser seguido por uma multidão composta por trabalhadores rurais, sem posses, ex-escravos, velhos, mulheres e crianças. (NETO, 2007) “A grande massa humana provinha de pontos próximos ou distanciados dos sertões nordestinos” (CALASANS, 1973, p. 468).

O sertão significou muito mais do que o espaço e a região dos acontecimentos que compreende o Ciclo do Bom Conselheiro. É deste sertão, desta terra inculta e árida, deste sertão seco, embrutecido e inóspito, que milhares de pessoas em busca de alento para suas dores, desilusões, alimentando esperanças singulares, começaram a segui-lo. Antônio Conselheiro não chamava os seus fies, eles chegavam:

[...] espontâneos, felizes por atravessarem com ele os mesmos dias de provações e miséria. Eram no geral, gente ínfima e suspeita, avessa ao trabalho, farândola de vencidos da vida, vezada a mandria e a rapina. Um dos adeptos carregavam o templo único, então da religião minúscula e nascente... Entravam com ele, triunfalmente erguido,

pelos vilarejos e povoados, num coro de ladainhas (CUNHA, 2000, p. 167).

Andando pelos sertões, O Bom Conselheiro liga-se a Joana Imaginária, escultora de imagens em barro e madeira com quem tem um filho e os deixa em 1865 (NETO, 2007), dando continuidade a sua peregrinação. Viu a República e se declara contra as novas leis. Em certa ocasião estava em Bom Conselho, onde reuniu o povo em dia de feira e, entre gritos sediciosos e estrepitar de foguetes, mandou queimar as tábuas com as leis da República numa fogueira. Começava então a sua trajetória política, pois dispersara uma patrulha de soldados republicanos que tenta prendê-lo pelo ocorrido em Bom Conselho. A partir deste momento será sempre perseguido como um perigo social.

Chegou às margens do Rio Váza-Barris numa fazenda que posteriormente, seria chamada de Belo Monte. O crescimento de Canudos foi vertiginoso para lá partia pessoas de várias localidades, sobretudo de locais onde o Conselheiro havia peregrinado mais

de vinte anos. “Pessoas de recursos que vendiam sua terra e gado. Homens e mulheres paupérrimos. Índios do aldeamento [...]; pretos libertos pela lei áurea, [...] doentes mentais, aleijados, incapacitados que viviam das esmolas do Bom Jesus e esperavam seus milagres” (CALASANS, 1973, p. 466). Mas não apenas estes tomavam o caminho de Canudos.

[...] os grupos de adeptos que surgiam todos os dias, procedentes de diversos lugares por onde peregrinara durante mais de 20 anos, o Santo Conselheiro ... Pessoas de recursos, que vendiam sua terra e seu gado. Homens e mulheres paupérrimos. Índios do aldeamento de Miranda e Rodelas ..., pretos libertos pela lei áurea ... Doentes mentais, aleijados, incapacitados que viviam de esmolas do Bom Jesus e esperavam seus milagres [...] (CALASANS, 1973, p. 465-466).

O arraial de Canudos surpreendia por causa do seu crescimento. Após iniciada a guerra, em três semanas este aumentara de modo extraordinário. Como nos primeiros tempos da fundação a todo o momento apontavam grupos de peregrinos em demanda de

recursos que
Homens e
dios do al-
rtos pela lei
s, aleijados,
das esmolas
seus mila-
o. 466). Mas
o caminho

adeptos que
dias, proce-
lugares por
durante mais
Conselheiro
os, que ven-
u gado. Ho-
aupérrimos.
to de Miran-
etos libertos
oentes men-
acitados que
lo Bom Jesus
milagres [...]
p. 465-466).

s surpreen-
mento. Após
emanas este
raordinário.
os da fun-
apontavam
lemanda de

paragens lendárias. Dentre os que o seguiam para Canudos em busca do alento das prédicas do Bom Conselheiro, registrava um grande número de mulheres. “O mulherio constituía então, a parte mais numerosa do pessoal fanático, podendo ser calculado em dois terços do bando que acompanhava o Conselheiro [...]” (DANTAS, 1922, p. 146).

Encontramos uma vasta literatura e outros documentos a respeito da Guerra, dos jagunços, mas se carece de informações a respeito daquelas que formavam dois terços da população daquele arraial e que fizeram parte deste movimento histórico, de repercussão mundial, que ainda hoje é objeto de interesse de vários segmentos da sociedade científica. Porém, ao lermos este depoimento de Euclides da Cunha registrado em “Os sertões”, obra clássica sobre Canudos, nos reportamos às várias leituras que tratam destas mulheres no pós-guerra. Elas foram definidas como mulheres de aparência grotescas, sem polidez, sem beleza alguma, além de serem denominadas como “jagunça” o que está sem-

pre associado ao comportamento dos jagunços, facínoras que buscavam em Canudos como um “homizio”. Estas definições de caráter discriminatório não nos impedem de uma releitura na identidade das mulheres do arraial:

Ali estavam, gafadas de pecados velhos, serodidamente penitenciados, as beatas – êmulas das bruxas das igrejas – revestidas da capona preta lembrando a holandilha fúnebre da Inquisição; as solteiras, termo que nos sertões tem o pior dos significados, desenvoltas e desejadas, soltas na gandaíce sem freios; as moças donzelas ou moças damas recatadas e tímidas; e honestas mães de famílias; nivelando-se pelas mesmas rezas... Faces murchas de velhas... rostos austeros de matronas simples; fisionomia ingênua de raparigas crédulas... Grenhas maltratadas de crioulas retintas (...) (CUNHA, 2002, p. 467).

Relatos como os publicados pelo coordenador do Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia, Lélis Piedade (PIEADADE, 1897-1901, p. 216-217), registra que várias mulheres após a guerra voltaram para suas famílias abastadas e que, algumas delas,

ainda em ocasião de sua morte, cederam quantias em dinheiro para ajudar outras, em condição menos favorecida, o que contradiz as definições e não correspondem aos fatos, quando não relatam o perfil destas mulheres, igualando-as, influenciados apenas nas publicações recorrentes da época.

Segundo José Calasans, Euclides da Cunha, em “Os Sertões”, costuma referir-se a essas mulheres de forma duramente estigmatizada. Dizia que as mulheres eram repugnantes (CALASANS, 1987, p. 15), praticamente negando a presença feminina em seu livro. As poucas referências que faz, trata de mostrar a sua feiura e as mazelas que carregavam sobre si. Nega, ainda mais, a participação destas como agentes históricos daquele episódio que marcaria significativamente a História da Bahia e do Brasil. Devolver a elas o “[...] exigindo reconhecimento do seu papel de mulher como participantes ativos (e iguais) nos movimentos políticos para a mudança social” (SCOTT, 1996, p. 69), se faz necessário.

Sem dúvida, os próprios historiadores das mulheres acharam

difícil inscrever as mulheres na história e a tarefa de reescrever a história exigia reconceituações que eles não estavam inicialmente preparados ou treinados para realizar. Era necessário um modo de pensar sobre a diferença e como sua construção definiria as relações dos indivíduos e os grupos sociais. (SCOTT, 1996, p. 86).

Neto, diz que “o papel desenvolvido pela mulher neste contexto, como de resto no sertão em geral, está umbilicalmente vinculado à família” (NETO, 2008, p. 2). Se considerarmos a formação religiosa do Bom Conselheiro e observarmos suas prédicas encontraremos claramente o que este considerava ser o comportamento ideal para o sexo feminino e conseqüentemente para as mulheres do arraial. Ataliba Nogueira traz a transcrição das prédicas do Conselheiro em seu livro “Antônio Conselheiro e Canudos” onde encontramos as seguintes recomendações:

Todos devem fugir deste pecado [...]. Seria bem útil que tal mulher meditasse profundamente nestas verdades, tendo em mira a importância de seu estado, obedecendo a seu esposo, rele-

vando suas faltas com paciência [...], cumprindo com diligência seus deveres, não deixando vencer por qualquer convite que ocasionasse uma ofensa... (NOGUEIRA, 1997, p. 148-149).

É sabido que se costumava omitir a importância da mulher nos movimentos e processos históricos. Lelis Piedade ao abrigar as sobreviventes prisioneiras da saga de Canudos, declarou que estas apresentam sentimentos de honra e recato, bons costumes, hábitos de trabalho, que buscavam posições para esconder a nudez da pele com os andrajos, além de testemunhar a nobreza de algumas destas mulheres que distribuía pequenas quantias que traziam consigo, no sentido de melhorar a vida das mais indigentes (PIEDADE, 1897-1901, p. 216-217).

Apesar da vasta bibliografia e documentação publicada sobre Canudos, poucas referências fazem-se a respeito daquelas mulheres que constituíam a grande maioria de sua população. Inscrever estas mulheres neste acontecimento histórico, com participação ativa naquele movimento político e social se faz necessário para tomarmos

conhecimento das relações de gênero ali estabelecidas.

A História de Canudos, mesmo ampla, omite o papel da mulher como agente histórico, se faz necessário pensar em uma Nova História, em que seja devolvida a mulher o seu direito de participante nas construções sociais e históricas. Portanto voltamos o nosso olhar aos acontecimentos vivenciados por estas mulheres antes, durante e após a grande epopéia da “Troia de Taipa” “Canudos”. “As mulheres [...] São elas que fazem os homens bons e maus; são as origens das grandes desordens, como dos grandes bem; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas” (LOURO, 1997, p. 678).

Mulheres e crianças sobreviveram a Guerra de Canudos, muitas dessas listadas no Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia (PIEDADE, 1897-1901, p. 224-233), que traz depoimentos sobre a guerra e sobre o que eles sofreram após a queda de Belo Monte. No entanto existe uma escassez de estudo a respeito da origem daquelas mulheres.




Imagem 1 – As prisioneiras

Foto: Flávio de Barros, 1897.

Iam para lá e a seu lado permaneciam brancos, negros, índios, gente de recursos, escravos há pouco libertados e camponeses sem terra. Os proprietários rurais, prejudicados pelo êxodo em massa da mão-de-obra que deixava despovoadas as fazendas, exigiam medidas enérgicas contra Antônio Conselheiro, no que eram secundados pelos membros do alto clero que viam seus fiéis desertar das igrejas em busca do novo Messias.

Sabemos que de forma desumana foram assassinados barbaramente os vencidos, degolando crianças, mulheres e anciãos e todos os sertanejos que ali buscavam



alento. Poucos escaparam do massacre. Como prova desta barbárie legou-se a História brasileira a triste página da Guerra de Canudos que em três expedições teve o seu povo destruído. Neste contexto de tragédia, página de nossa História o episódio de Canudos ainda hoje desperta a atenção de pesquisadores e artistas que buscam contar e recontar aquela história.

Diante da complexidade tamanha que apresenta, considerando as variantes sociais e históricas que apontam questões ainda não estudadas, em pormenores, e que não serão esgotadas, um artista plástico chamado Tripoli Gaudenzi, busca através da arte representar o evento de Canudos, registrando em sua tela o descrito pelos historiadores que narraram os acontecimentos daquele fato histórico.

Arte e história: uma relação em construção

A arte sempre esteve presente em toda a trajetória humana desde a Pré-história até os dias de hoje, e sem dúvida a arte, ou melhor, as obras de arte ou a produção de um artista, ou

ainda, o campo artístico nos revela os valores, costumes, crenças e modos de agir de um povo, de uma geração, de uma civilização e ou da sociedade que a produziu. Aos observadores ou intérpretes da arte cabe o esforço na tarefa de relacionar estes vestígios com algum traço do período em que foi concebida ou produzida, e é exatamente aí, a partir dessa ação, que a arte passa a ser interpretada com um olhar histórico, que se empenha em decifrar aquilo que o artista disse através de sua obra.

Observando então a arte como documento histórico, Langer faz a seguinte observação,

O conceito de arte, compreendido como uma espécie de “comunicação” apresenta seus riscos porque analogamente à linguagem, esperar-se-ia que a “comunicação” ocorresse entre o artista e seu público, noção que eu considero redutora. Mas há algo que, sem incorrer no risco de exprimir muito literalmente pode ser chamado de “comunicação através da arte”, ou seja, o testemunho que as artes dão de uma determinada nação ou época aos homens de uma outra época. [...]. (LANGER, 1953 *apud* CALABRESE, 1987, p. 35.).

Poderíamos dizer então que a arte é um mero reflexo do tempo em que o artista vive? Correríamos o risco de reduzir a arte apenas como um registro do passado deixando de considerar o seu importante papel no que tange a plenitude dos dons humanos que se reproduz através de suas produções artísticas nas diversas linguagens que apresenta como música, dança, dramaturgia etc. Seria então precipitado esse tipo de conclusão, mas não podemos acabar vendo a arte como uma manifestação presa aos valores de um tempo.

Umberto Eco a respeito de que representa a arte, em seu livro a definição da arte, afirma que:

Quando consideramos a obra de arte inserida no seu contexto originário, no complexo de relações culturais, econômicas e políticas em que se formou, empenhando-nos numa visão interactiva dos binômios arte-história e arte-sociedade [...], pois o artista, manifestando-se como modo de formar nas sinuosidades próprias do seu jogo abstrato de factos, vozes e imagens, traduz sempre sua personalidade e as constantes de uma época e de um ambiente ; neste

sentido pode ver-se como a arte se alimenta de toda a civilização de seu tempo, reflectida na irrepetível reação pessoal do artista e nela estão as maneiras de pensar, viver e sentir toda uma época, a interpretação da realidade, a atitude perante a vida, os ideais e as tradições e as esperanças e as lutas de um período histórico. (ECO, 1972, p. 33-34).

Sem duvida alguma o papel de um pesquisador não é apenas conhecer os fatos que envolvem este ou aquele evento histórico, dentro do campo da historia e da arte que uma manifestação de clara evidência “artística” pode não ser encarada como tal pelo seu autor ou sociedade em que surge, pode ser vista apenas com o signo do fazer e não do registro, do vestígio que o estudo da historia requer.

Em função disto ao estabelecermos um olhar atento à obra de um único artista, podemos reconhecer que os seus trabalhos não só refletem o tempo em que viveu, mas também demonstram a sua relação particular, o diálogo singular que estabeleceu com seu tempo ou com um evento que marcou a sua trajetória e o impulsionou a aquela produção que hora se dispunha a fazer

no a arte
vilização
a na irre-
lo artista
s de pen-
ma épo-
ealidade,
os ideais
eranças e
histórico.

papel de
conhecer
u aquele
ampo da
anifesta-
ca” pode
o seu au-
ge, pode
lo fazer e
ie o estu-

abelecer-
um úni-
er que os
o tempo
demonst-
o diálogo
seu tem-
marcou a
a aquela
ha a fazer

a realizar. Para Argan (1992, p. 20),
historiador de arte,

A arte é um fazer exemplar que, em última análise, tem como horizonte a produção de objetos perfeitos, que sirvam de guia as demais atividades. Nesta busca, ela é também criação de valores, já que deve se perguntar a todo instante pelo sentido de agir humano e operar de modo a garantir e ampliar seus próprios fundamentos. E esse movimento traz consigo necessariamente uma temporalidade de ordem histórica, em que passado e presente e futuro se condensam na presença instigante de um objeto particular. A partir desta formulação o estabelecimento de vínculos entre a produção artística e aspectos sociais, éticos, históricos e cognoscitivos pode se realizar sem a necessidade de privilegiar qualquer uma das instâncias envolvidas, desde que as análises partam dos trabalhos de arte e observem nelas a especificidade dos nexos propostos.

Nas últimas décadas o olhar histórico sobre a arte vem sendo acrescido de outras questões bastante interessantes, instigantes e polêmicas como a apropriação da obra pelo público, os meios de difusão do conteúdo artístico e o intercâmbio entre diferentes mani-

festações integram os novos caminhos que hoje englobam esse significativo campo de conhecimento. Diante de tantas perspectivas, e possibilidades de se enxergar a arte ou uma única obra como propulsora de variados sentidos, nos colocamos a observar de forma mais detalhada o trabalho e o olhar de um determinado artista sobre o evento de Canudos.

Colocando-nos ainda a questionar quais as suas motivações, quais os anseios e o que de fato levou este artista a se deter em registrar com seu olhar artístico, autodidata e pro que não dizer acadêmico aquele fato histórico que acontece dentro dos arredores do sertão nordestino e que ganha repercussão mundial dado aos acontecimentos que envolveram uma guerra entre a recém-implantada República brasileira e um grupo de sertanejos que resistiu até ao esgotamento total de suas forças.

Tripoli Gaudenzi e Canudos

Tripoli Francisco Britto Gaudenzi, 72 anos, médico com experiência de mais de 30 anos de exercício da profissão, além de ter ocupado cargos de

chefia no Estado tornou-se um grande artista plástico reconhecido internacionalmente.

Atuou quase três décadas na medicina e na academia como professor universitário, enquanto na arte, traz um currículo que é uma verdadeira lição de história, que conta com mais de mil quadros pintados que retratam símbolos de uma época, como o trabalho sobre as Procissões Antigas da Bahia; as Aventuras do Descobrimento; o projeto sobre Jagunços e Heróis baseado em livro de Walfrido Moraes; o livro saudosista sobre Bares, Botequins e Cabarés da Bahia que está em andamento; e a exposição Óleo e Traço, enfocando a figura humana no cenário colonial da Bahia, além da famosa exposição “Canudos Rediviva”, ilustrada com base na obra Os Sertões, de Euclides da Cunha e que gerou a ascensão e o reconhecimento internacional do artista Tripoli Gaudenzi.

Antes de pensar em Medicina sempre desenhei e, esquizofrenicamente, levei as duas coisas juntas. Na época de escola gostava muito de história, geografia e biologia. E já desenhava. [...] Fiquei sentido de não concluir

essa formação. Sou um autodidata, mas acho que se você tem um talento e vai para Belas Artes, você se aprimora, amplia horizontes. É muito importante a formação universitária. (REBOUÇAS, 2012, p. 7).

Apesar de por duas vezes, tentado estudar Belas Artes, na Bahia e na França, e não ter conseguido por conta dos compromissos profissionais da medicina buscou se especializar. Quando esteve em Paris para complementar a formação médica, freqüentou os ateliers dos pintores Ronnie Abraham e Olivier le Bars e do argentino, radicado na Bahia, Alfonso Lafita.

A história do livro Os Sertões, foi retratada em ilustrações por cerca de 430 telas, com técnicas com bico de pena, óleo, acrílico, guache, aquarela, técnicas mistas etc. a depender da cena ilustrada. E tamanhos variados, que visitou 30 lugares diferentes, incluindo interior da Bahia, estados brasileiros e países como Cuba, Alemanha e França, de 1991 a 1998, em caráter didático-cultural, lhe rendendo a publicação do livro de arte e de história, Memorial de Canudos, e a edição de um DVD, Canudos, a Guerra no Sertão. Neste

seu tra
ideias,

seu trabalho retrata o homem simples, sertanejo que luta por sua liberdade e seus ideais, deparamos em sua obra com a Terra, o Homem, a Luta.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história resistiu até o esgotamento completo. Expugnada palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia cinco, ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores; eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam, raivosamente, cinco mil soldados! (CUNHA, 2000, p. 418).



Imagem 2 – Peregrinos de Canudos

Obra: Tripoli Gaudenzi, óleo s/ tela

A mostra, que já esteve em São Paulo, Paris, Havana, Colônia e Berlim, integrou a programação oficial da 36ª Jornada Internacional de Cinema da Bahia, cujo tema central do ano de 2009 foi o centenário da morte do Euclides da Cunha. O episódio de Canudos foi e é um dos maiores massacres da história do Brasil. Mas nas mãos de um artista, como é o caso do Trípoli Gaudenzi, o grotesco vira arte questionadora, ou seja, uma arte que faz refletir, que denuncia e educa, contribuindo, desta maneira, para o engrandecimento da cultura de todos nós.



Imagem 3 – A chegada de Antônio Conselheiro e sua gente a Natuba

Obra: Trípoli Gaudenzi, óleo s/tela e eucatex.

Por meio de uma beleza épica ímpar, Trípoli Gaudenzi narra a saga e o drama do povo liderado pelo Antônio Conselheiro, vítima da intolerância e da violência da sociedade brasileira, que, em 1897, colocou todo seu aparato bélico-militar a serviço do extermínio do que se julgava ser atraso, incivilidade, vergonha, indolência e inadmissível insubordinação.

rlim, in-
a Bahia,
i Cunha.
asil. Mas
vira arte
atribuin-

Tanto horror e iniquidade nos saltam aos olhos com uma ferocidade por vezes inquietante, por vezes piedosamente cortante. Há momentos que é possível ouvir as dores e úlceras daquela gente a arder em meio ao fogo do inferno de Dante. Produzidas em acrílico, guache, bico-de-pena, óleo, pastel e técnicas mistas, as telas da mostra “Canudos: a guerra de Os sertões” são a mais pura expressão de um barroco tipicamente pós-moderno.

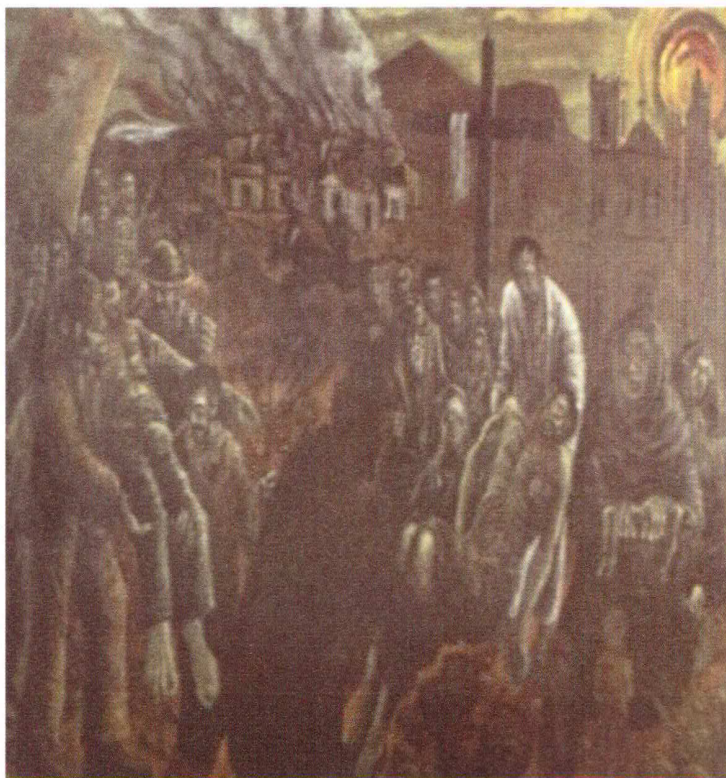


Imagem 4 – A destruição de Canudos

Obra: Tripoli Gaudenzi, óleo s/ tele s/Eucatex.

o drama
lência da
r a servi-
olência e

Gaudenzi é talvez quem melhor produziu em papel e tela aquilo que Euclides narrou com tanto vigor. Depois de muita pesquisa bibliográfica em que selecionou cerca de 600 passagens descritas nos doze melhores livros sobre o assunto, o pintor chegou a cerca de 450 cenas tecnicamente viáveis. Destas, 400 se tornaram desenhos, aquarelas e óleos.

Gaudenzi fez também pesquisa de campo em Belo Monte, local onde no final do século passado se ergueu o império de Antônio Conselheiro, e registrou a vegetação e o relevo.

Considerações Finais

Mulheres e crianças sobreviveram a Guerra de Canudos. Muitos dessas listadas no Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia com depoimentos sobre a guerra e o que sofreram após a queda de Belo Monte. Canudos apresenta, portanto uma complexidade tamanha, com variantes sociais e históricas que apontam questões ainda não estudadas, em pormenores, e que não serão esgotadas. Analisar Canudos seja com nos documentos históricos,

seja nas obras de arte produzidas por artistas plásticos, retomará dados não observados sobre aqueles que viviam na “Canaã Terrestre”, no Belo Monte, que por ocasião de sua queda, sofreu toda sorte de violência.

A obra de Gaudenzi é de grande valor, pois apesar de seu quase anonimato entre os estudos acadêmicos, tanto de História quanto de Belas Artes, este rompe com o tradicional, rompe com os muros da academia e se lança em um projeto que leva para além dos limites da História do Brasil a trajetória do povo sertanejo, “pobre”, “faminto” que formam massacrados até o seu esgotamento total.

Poucas foram às imagens que restaram daquele evento histórico, as poucas existentes registram os momentos de vitória dos algozes que em pleno sertão baiano promoveram o genocídio daquele povo denominados pelo censo comum de jagunços, mas é através da obra deste artista que vemos recriar o sofrimento daquela gente, bem como já o foi feito por grandes nomes da pintura brasileira e internacional em outros eventos históricos.

Imagem

REFERÊ

ARGAN,
Tradução
Carotti. São
Paulo, 1992.

CALABRINI
arte. Trad
ução técnica e p
ortuguesa. Rio
de Janeiro: G

CALASANO
do pelo R
Monte Ma
sobre Ant
to no Arra
cação da U
Centro de
130, 1987.

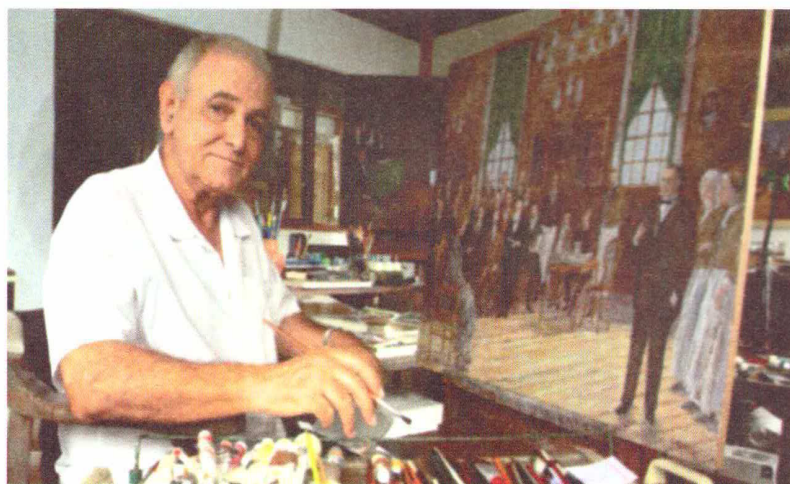


Imagem 5 – Dr. Tripoli finaliza quadro de aula do médico francês Jean Martin Charcot para D. Pedro II. Ao fundo pintura de aula do prof. Jonathas Abbott

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. Tradução Denise Bottmann e Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CALABRESE, Omar. **A Linguagem da arte**. Tradução Tânia Pellegrini; revisão técnica e prefácio Rodrigo Neves. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

CALASANS, José. **Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro e seu séquito no Arraial de Canudos – 1895**. Publicação da Universidade Federal da Bahia, Centro de Estudos Baianos, Salvador, n. 130, 1987.

_____. Canudos: origem e desenvolvimento de um arraial messiânico. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ANPUH, 7., 1973, Salvador. **Anais...** Salvador: ANPUH, 1973.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ECO, Umberto. **A definição da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1968.

GAUDENZI, Tripoli Francisco Brito. **Memorial de Canudos**. Prefácio de Renato Ferraz. Texto de José Calasans. Fotografias de Vito Diniz e Cop&imagem. Texto em português e inglês. Apoio cultural: Fundação Cultural do Estado da Bahia. Salvador: Secretária de Cultura e Turis-

mo; Rio de Janeiro: Construtora N. Odebrecht, 1996.

LOURO, L. G. Mulheres em sala de aula. In: PRIORI, Mary Del ; BASSANEZI, Carla (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 678.

MILTON, Aristides. **A campanha de Canudos**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1979. (Coleção Cachoeira, v. 2).

NETO, Manoel. Artigo publicado em <<http://www.portfolium.com.br/sites/canudos.asp?IDPublicacao=77>>. Acesso em: 10 set. 2007.

NOGUEIRA, Walnice Galvão. **No calor da hora**. São Paulo: Ática, 1973.

OLIVEIRA, Wálney da Costa. **“Sertão virado do avesso”**: a República na região de Canudos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

PIEIDADE, Lélis. (Coordenador). **Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia** [S.l.]: [s.n.]. Editora Portfolium, 2002.

REBOUÇAS, Daniele. Medicina, história e arte nas mãos de Dr. Tripoli Gaudenzi. **Vida e Ética - Revista CREMEB**, Salvador, v. 3, n. 10, p. 6-7, 2012. Disponível em: <http://www.cremeb.org.br/data/site/uploads/arquivos/Vida_e_Etica_

Ed10_2012_FINAL_PARA_O_PORTAL.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2013.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Imagem 1 – Disponível em: <http://www.portfolium.com.br/qAdm/Funcoes/bin/ProcessaImagemGR.asp?FilePathImage=Fotografias/FlavioDeBarros1897.jpg&LarguraImgGR=400&SharpenImageGR=False&GrayscaleImageGR=False&FlipH_ImageGR=False&FlipV_ImageGR=False&QualityImageGR=51&CropImageGR=False>.

Imagens 2, 3 e 4 – GAUDENZI, Tripoli Francisco Brito. **Memorial de Canudos**. Salvador: Secretária de Cultura e Turismo; Rio de Janeiro: Construtora N. Odebrecht, 1996.

Imagem 5 – Foto de Adenilson Nunes, AN Fotojornalismo. **Vida e Ética - Revista CREMEB**, Salvador, v. 3, n. 10, 2012. Disponível em: <http://www.cremeb.org.br/data/site/uploads/arquivos/Vida_e_Etica_Ed10_2012_FINAL_PARA_O_PORTAL.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2013.